

Há umha certa

L

cadáver * 6

incompreensível

U

7

na distância

umha palavra

ACADÓFIA

um sinal ou desejo

Estévez, Elvira Riveiro

Tobío e Lara Bacelo

a noite

F

nom

U

esgota

L

o seu

G

Igor Lugrís, Eduardo

O

metálico

R

S

e aqui frente ao

L

E

Um cadáver e

squisito de Igor

N

espelho só existe o

O



igor lugrís

Fôrom umhas palabras
Talvez umhas luzes
Se calhar umhas ilusons
De todas as formas
queimavam os olhos
tinham esse grave odor
que sempre trai o desconhecido
e sabiam a felicidade
Um doce e agradábel sabor a felicidade

No límite deste horizonte só há outro horizonte

Igor Lugrís

A poética da resistencia

Identidade. Memoria. Arela de liberdade. Denuncia da uniformización cultural e lingüística, esmagadora da disidencia. Da explotación laboral e da inxustiza mundial. Chamado á resistencia. A camiñar para adiante. Sen medo. A crer en nós. No país. Son os alicerces da poética de Igor Lugrís (Melide, 1971). Unha obra indisociable do activismo cultural. Do compromiso social e nacional. E dunha teima por rachar as barreiras que seguen a afastar os poetas do lector. Con proxectos como o *Cadáver esquisito* –creación colectiva a través de internet– e *Poesía para ver. Poesía para ler*, –poemas integrados en carteis, como os que recolle este número da Revista das Letras–. Cun verso directo, próximo, apegado á realidade. Que intensifica a súa forza en *Mongólia* (2001) e *Livro das confusons* (2007). Sempre á procura da verdade, máis que da beleza, malia atento ao sentido estético. Á busca dun xeito de comprensión do mundo, base da toda transformación posible. Desde o concreto. O graíño de area. A iniciativa. Sen agardar pola industria cultural.



O autor da fotografía desta páxina é Benja G. Lainez. A cartel da portada está elaborado a partir dun orixinal do brasileiro Rico Lins. Debaixo deste cartel colocouse o nome do poeta ao que se lle adica este número da Revista das Letras.

1

A Adelino
quando lhe perguntavam
dizia que trabalhava no polígono industrial
E nom era mentira

A sua família sempre tivera umha leira
em aquele terreo
no final da costa de vacas
Fora de seu pai
E da sua avó
E da mae desta
Ele nunca teria vendido
mas foi expropriaçom forçosa
É polo bem de todos
diziam-lhe no bar à hora dos cafés e as partidas

Comprou
justo onde tivera as patacas
umha parcela com o dinheiro que lhe dérom
e a pensom dos anos em Zurique
Só havia três naves
um burguer com karaoke
e a sua horta

Quando lhe perguntavam
dizia que trabalhava no polígono industrial
E nom era mentira

2

Podermos transformar o céu
e nom andar por aí com ele
perdendo-o entre as interpretaçons e os mundos
entre os caminhos e as horas

Podermos assaltá-lo
rompê-lo
em mil anacos cada nuvem
como nos rompe a nós
para nom ter que reagir atréu
cada vez que chega o futuro

Podermos entendê-lo
para entender os nossos silêncios
as nossas ignorâncias
para que todo seja mais que um delírio
voluntário
A solidade dum verso alheio
que sempre escapa

Nom existirem estas palavras

3

Olho para as leitugas
enquanto boto água nas fendas da memória
e co sacho golpeio docemente
cada umha das palavras que rodeiam esta casa
“Parabéns”
berram os gatos todos os gatos do mundo
enquanto sigo a cair polo precipício
e oito galinhas cantam
a coro
a melodia das casas habitadas

Um cam dorme diante da porta
aberta

Lentamente
esqueço as horas
os minutos os segundos
até chegar a esta pequena sensaçom de calor
Talvez todo seja arrastar palavras
dum lado para outro
sem cessar
até que alguém escuite
e entom ficar em silêncio
Para sempre

4

Todo é terrivelmente complicado
Mas nom há que se preocupar
com isso
Também o certo é
que
tudo é terrivelmente simples

Igual que distinguir o abalo e o devalo
Igual que ver chover
Igual que pensarmos
que existir é
lembrar distâncias
e falar silêncios

Nom existe mais que
o caminho
O que vives é a viagem
Estou confuso
e nom escuto mais
que o silêncio iluminando
esta noite
cheia de palavras molhadas

Essas luzes que
me rodeam é o lume
da terra

Arder
é a palavra
que procuras

rdL | 5

Galicia Hoxe 04/09/08

5 (*Compostela vermelha e etérea*)

Compostela vermelha e etérea
os sonhos de licor-café
a terra de pedra que arde
e o mundo que roda sempre do revés

Os livros da madrugada
cafés dentro do café
a lua fala da memória
e dumha história que nom vai morrer

A pátria constroese nas ruas
as ferramentas som todas as maos
as cores das velhas bandeiras
desenham os ritmos das novas cançons
Compostela vermelha e etérea
os sonhos de licor-café
etc...

6

Conheces todas as palavras dos dicionários
em vários idiomas
mas sigues sem saber
o nome próprio da liberdade
o significado da fraternidade
os sinónimos da igualdade
e por isso escreves
enquanto pensas na tua foto
a cores
nos dominicais dos periódicos sérios

7

o citroen saxo tuneado de aitor
soa melhor que o último CD de Eminem
a todo volume
que agora se escuta em toda a aldeia
de zero a cem
polo pentagrama nocturno turbo injection de
luzes de néon azuis
apurando as sensaçons na avenida da liberdade
até exactamente
o monumento aos doadores de sangue
que se interpom na pista de baile com linha
contínua
e decide justo depois do ceda
com um sigiloso estrondo
premir no botom do stop

8

Também estivo aquela outra vez
Quando decidimos assaltar o ceu
da madrugada
ao ritmo dum licorcafé
mentre sonava
ao longe
dentro das nossas cabeças
umha dessas cançons
às que lhe inventavamos a letra
Era quando aprendíamos idiomas
ou palavras

9 (*A miña lingua remix. Ocenic version*)

A minha língua quero na tua boca
e falar com o silêncio dos peixes
tam líquido e húmedo
o falar dos sargos
petaranhas e maragotas
o falar dos xurelos
as sardinhas e as xoubas
Entendermo-nos entre bránquias
Mirarmo-nos entre escamas
Movermono-nos na âgua
entre fluidos e sabores salgados
como quem durme numha cama na tua cama

10

Ardem as pedras
e sei que nom fuche tu
porque te vim
por última vez
correndo
escapando
cara à praçá de Vigo
mentres o caixeiro já
estava ardendo
e internet falava de saltos
também
na Corunha
Vigo
e Ferrol
Ardem as pedras
e amanhá
os jornais
falarám das cinzas
dum mundo impossível
Corre!

Nom há mais amor

butane

Nom há mais butano amor. Quanto tempo tarda em acabar-se todo. Um nom sabe bem que sentimento cria quem esquece o parto, assenta a pele e tensa o corpo.

A procedência da nossa pele é anterior ao anterior. Contornando o jardim botánico sempre há umha princesa porque as laranjas dos reis eram pequenas e doces.

Os teus olhos nom olham o que te bica. Assim che medrou no peito um tambor de buxo. Estou como escrita amor no fundo dos versos fluidos.



Poema de Igor Lugris con versos de Fran Alonso, Yolanda Castaño, Emma Couceiro, Marta Dacosta, Antón Dobao, Estíbaliz Espinosa, Eduardo Estevez, María Lado, Franck Meyer, Carlos Negro e Luisa Villalta.